



## 10º Simposio de Ensino de Graduação

### A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO NA OBRA: A RAINHA DO IGNOTO DE EMÍLIA FREITAS

#### Autor(es)

---

BRUNA RAFAELA PAVAN

#### Orientador(es)

---

JOSIANE MARIA DE SOUZA

#### 1. Introdução

---

O presente estudo objetiva com base no livro *A Rainha do Ignoto* (FREITAS, 2003) elucidar como o elemento fantástico pode aparecer de uma maneira diferente do que é convencionalmente visto, trazendo muito além de questões místicas, uma inquietação provocada por um impossível pautado pela sociedade patriarcal da época. Quando se pensa em fantástico, as imagens cristalizadas por diversos romances famosos vêm à tona, e figuras como as de fantasmas, vampiros e bruxas são os primeiros a serem lembrados. Porém, o termo fantástico não se restringe apenas a criaturas que não fazem parte da realidade, mas também, a situações que, por diversas circunstâncias, seriam impossíveis de acontecer. O termo fantástico, que de acordo com Rodrigues (1988), condiz a tudo que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso encaixa-se perfeitamente na literatura, devido ao caráter artístico desta, e seu universo ficcional. Porém, nem sempre o fantástico aparece da mesma maneira. Para Todorov (1992), ainda em relação ao fantástico pode-se dizer que tem seu ápice na narrativa, e, depois desse ápice ele pode deixar de existir, pois, ao desfecho da obra, pode haver tanto uma explicação racional sobre os fenômenos ocorridos, quanto pode haver a aceitação desses fenômenos por esse personagem que representa a hesitação do leitor, ou seja, o texto pode, dessa maneira, transmutar-se de fantástico para estranho ou para maravilhoso. Assim, para o autor, o fantástico encontra-se na dúvida do leitor, sem que, porém, esse possa admitir que o acontecimento sobrenatural possua uma explicação dada pela razão. Se o desfecho consegue manter essa ambigüidade, tem-se uma genuína narrativa fantástica. O romance em questão traz uma figura central conhecida por alguns moradores de uma vilazinha como Funesta que é a rainha de uma ilha chamada Ignoto ou, como a própria rainha chama a ilha do nevoeiro, cujas moradoras e figuras mais importantes são mulheres. Os únicos homens presentes na ilha aparecem em uma situação inferior, como vassalos da rainha. Em sua ilha, a rainha que também é chamada de Diana durante o romance promove, juntamente com suas paladinas alguns eventos místicos que lembram sessões espíritas, além de apresentar em algumas partes do romance uma espécie de poder que logo é explicada pelo hipnotismo. Esses comportamentos apresentados no romance poderiam, trazer consigo, de alguma forma, o elemento fantástico já citado, porém, o que intriga e, portanto, instiga essa pesquisa é o fantástico apresentado na imagem da mulher rainha, governante de uma ilha, onde outras mulheres também exercem papéis importantes.

#### 2. Objetivos

---

Este estudo objetiva mostrar as diferentes facetas do que é convencionalmente chamado de fantástico, gênero que pode ser construído a partir de elementos que não necessariamente façam parte do maravilhoso, como seres sobrenaturais, por exemplo. Também elucidar que o fantástico pode ser construído a partir de situações, lugares e feitos que seriam impossíveis de acontecer ou existir devido a costumes e formas de pensamento de uma sociedade patriarcal, como no caso de *A Rainha do Ignoto*.

#### 3. Desenvolvimento

---

Surgido no século XVII, na Inglaterra, o romance foi constantemente criticado por sua popularização e por seu caráter de ficção sentimental, essa concepção do gênero perdurou pelo século XIX sem se desvanecer. O que ocorria na realidade era certo medo por essa popularização também da leitura, o letramento das massas e os efeitos que isso poderia causar. Quanto à preocupação com o aspecto moral, o medo era o de que a imaginação e a fantasia, principalmente as das jovens senhoritas, fossem estimuladas em excesso, o que ocasionava certos riscos para as donzelas. Porém, havia de outro lado os que eram a favor dos romances, refletindo sobre o uso dos mesmos como forma de instrução às mesmas donzelas. Desse modo, o romance passou a, de forma pedagógica, mostrar às mulheres qual era o seu papel na sociedade e no âmbito doméstico, como deviam agir, quais as virtudes que deveriam conservar, como o decoro, a timidez, a humildade e etc. Entretanto, uma visão feminina alternativa foi construída por mulheres que, cansadas de se verem retratadas como vítimas inocentes tentando defender-se num mundo infestado de predadores masculinos, conseguiram desafiar as convenções sociais e tornarem-se romancistas, passando a retratar na ficção mulheres inteligentes, fortes e capazes de expor seu ponto de vista. (VASCONCELOS, 2007) Tendo como principais planos de fundo as antigas construções medievais da Europa, pode parecer difícil que esse estilo de romance fizesse sucesso no Brasil, um país tropical e relativamente jovem demais para contar com um passado medieval que suprisse esse imaginário fantasmagórico, porém, mesmo diante dessas divergências e com a barreira da distância, a literatura gótica não só chegou ao Brasil, como também agradou, chegando a influenciar a prosa e poesia de grandes escritores nacionais. Emília Freitas também foi influenciada pela literatura gótica, trazendo também para o seu romance *A rainha do Ignoto* elementos que despertavam as sensações e instituíam um mistério.

#### 4. Resultado e Discussão

---

Durante toda a narrativa do livro, a Rainha o Ignoto é chamada de diversos nomes, entre eles, moça encantada, santa, bruxa e Funesta, todos esses, alcunhas dadas pelos pobres habitantes de Passagem das Pedras uma vilazinha no interior do Ceará ao se depararem toda noite com uma linda moça ricamente trajada com um vestido branco, que cruza o rio em uma canoa em companhia de um moleque e um cachorro preto. Ao ser informado sobre essa lenda por seu criado Valentim, doutor Edmundo um jovem advogado formado na capital recém-chegado na vila logo não acredita e até mesmo chega a troçar destas credices, porém, em uma noite ele mesmo tem a visão da fantástica moça, e, pasmo com o que vê, procura explicações racionais para a história: O Dr. Edmundo ficou pensativo. Muitas vezes tinha zombado da credulidade do povo, e não podia tomar a sério aquelas histórias incoerentes; mas, procurava o fio da realidade perdido naquele labirinto de ideias extravagantes e fantásticas. FREITAS (2003, p. 33) Dessa maneira, para o doutor Edmundo, a linda moça vestida ricamente que vagava em um barco pelo rio durante a noite, nada mais era do que uma rica excêntrica que, para zombar da ignorância do povo sem instrução, realizava essas peregrinações noturnas em companhia de um cão negro e de um macaco. Porém, não deixa de ser um mistério o porquê de a moça realizar tais feitos. O jovem advogado é o personagem sondado desde o início da história para mostrar a maneira como ocorrerá a construção do elemento fantástico na trama. Edmundo, por ter estudado e ter vivido na capital, não crê de início nas histórias populares do lugarejo para onde se muda, chegando a escarnecer da população supersticiosa, por isso, tentará encontrar durante toda a trama, explicações para as coisas sobrenaturais que observou. Por conta de sua incredulidade e pela ânsia de encontrar essa explicação plausível para a aparição, o doutor resolve averiguar as verdades sobre o fato, até que se depara com um enigma que ele mesmo, tão inteligente, não consegue decifrar: O Dr. Edmundo voltava-se no leito, frenético de impaciência, porque não podia achar uma explicação razoável para o que acabava de ver. FREITAS (2003, p.36) Ao ver a fada chegar com o bote no morro do Areré, que é onde ela passava as tristes noites, Edmundo a segue a fim de decifrar o mistério, porém, ao se aproximar, a moça foge de maneira surpreendente, sem que o doutor consiga alcançá-la. Após o acontecido, doutor Edmundo fica aturdido, pois, até então apenas ouvira falar das tais diabruras da Funesta, no entanto, agora pôde ver com seus próprios olhos algo que sugeria que aquela mulher tinha realmente algo de sobrenatural. Nesta parte da história a lenda da funesta deixa de ser aos olhos do leitor apenas um mito para se tornar algo real, de certa forma, pois, até mesmo o doutor Edmundo, que se coloca como a voz racional da narrativa, passa a acreditar na visão. Justamente por isso, o jovem doutor que em dado momento se vê apaixonado pela aparição parte todas as noites numa procura incansável pela moça encantada da gruta do Areré a fim de conhecê-la e manifestar sua paixão. Em vão o doutor a procura, pois, sabendo que está sendo seguida, a fada foge sempre de maneira misteriosa. Felizmente em uma dessas procuras, o doutor tem a sorte de conhecer Probo, um senhor que conhece grande parte do mistério e promete lhe contar tudo o que sabe. Probo trabalha para a rainha, embora acredite que ela é má e tem planos terríveis, por isso, resolve ajudar Edmundo a se infiltrar no navio que levará a rainha de volta à ilha do ignoto, seu reino, a fim de provar o caráter ruim da soberana. Para que Edmundo pudesse então espionar a rainha e descobrir o seu mistério, Probo lhe arruma a roupa de uma das paladinas preferidas do reino, Odete, uma moça muda que acabara de morrer sem que a rainha soubesse. Assim, o doutor pode espionar de perto a vida nesse reino surpreendente. No entanto, a verdadeira identidade da rainha do ignoto permanece desconhecida até por suas paladinas de mais confiança, fazendo com que o mistério perdure. A única coisa que as mulheres que a acompanham sabem é que ela teve uma triste história de vida e sofreu muitas decepções, e, por isso decidiu dedicar o resto de sua existência a ajudar os infelizes, os pobres, os inocentes abandonados, e, principalmente as mulheres que sofrem. Antes de o doutor Edmundo conhecer a ilha do ignoto, ou ilha do nevoeiro como a própria rainha a chama há ainda na passagem das pedras alguns acontecimentos surreais que são logo atribuídos à Funesta. São feitos que apesar de parecerem mágicos, são passíveis de explicação, como no caso do moleque ricamente vestido que surge levando presentes no aniversário de duas moças da vila, que por serem muito mal educadas e malvadas, recebem, uma um livro que contava com o título de Manual de civilidade para que essa tivesse mais educação e a outra uma garrafinha com um líquido rosado onde se lia no rótulo

a palavra juízo. Todos na festa ficam pasmos e se perguntando quem tivera a coragem de enviar tal presente, mas quando vão perguntar ao moleque ele já havia sumido. Outro estranho acontecimento que ocorre ainda em Passagem das Pedras é quando morre Virgínia, uma pobre moça órfã, e, em seu velório aparece uma pomba branca trazendo no bico uma grinalda de flores de laranjeira e a deposita na frente de Virgínia. Os pobres habitantes da vila, com todas as suas crendices logo espalham que aquilo foi obra de Nossa Senhora e que a moça morta deve ser aclamada como santa. No entanto, todos esses feitos podem ser atribuídos à rainha do ignoto, que tão logo é apresentada ao leitor mais a fundo, já define qual a sua principal missão: Ajudar os aflitos e desamparados e fazer justiça com os cruéis e desalmados. Na ilha do nevoeiro é que a rainha mostra ainda mais sua bondade e compaixão, pelos mais necessitados, acolhendo órfãos, pessoas atormentadas mentalmente, pobres endividados, prisioneiros condenados à morte e até mesmo escravos, que em certa ocasião no romance são salvos de um senhor cruel pela rainha e suas paladinhas que se disfarçam de ciganas de um circo. A própria ilha do ignoto é chamada ilha do nevoeiro, pois, nenhum navegante de nenhuma nação consegue encontrá-la, tudo isso graças a um denso nevoeiro que cobre toda a ilha e impede que ela seja encontrada, podendo ser adentrada somente pela rainha, suas paladinhas e quem mais ela permitir que lá entre. Todas as embarcações e as subdivisões da ilha são supervisionadas por mulheres havendo assim a médica, a engenheira diretora da estrada de ferro e das fábricas, a maestra e a pintora nas artes, e até mesmo mulheres em cargos militares como a generalíssima e a almiranta. Detendo todo o poder de um reino, a rainha do ignoto e sua maçonaria de mulheres ajudavam quem quer que estivesse em apuros, tanto financeiros quanto em risco de morte. Ajudavam a pagar dívidas, a soltar escravos, a libertar prisioneiros que haviam sido injustiçados, recolhiam órfãos abandonados e faziam mais diversas outras coisas sempre em função da justiça e da bondade. Para que todas essas coisas fossem feitas, as paladinhas contavam com uma imensa e incalculável fortuna a qual ficava escondida em um lugar especial ao qual só a rainha do ignoto tinha acesso. Em cada lugar que chegavam, valiam-se de disfarces e partiam em busca de pessoas que estivessem desesperadas e precisassem de ajuda, assim faziam justiça para com os maus e levavam a tranquilidade aos bons.

## 5. Considerações Finais

---

O mundo da ilha do ignoto, com seu nevoeiro e suas paladinhas, torna-se, portanto, fantástico, não só pelas características peculiares do lugar, mas daquelas que lá moram: Mulheres que tem liberdade para cumprir papéis que, na época em que o livro é escrito, seriam impossíveis acontecer. A possibilidade de haver um lugar onde uma mulher tem o maior poder e os cargos militares são igualmente atribuídos a mulheres somente poderia existir naquela época num universo de pura fantasia. Até o final da trama, de fato, Dr. Edmundo permanece sem descobrir qual a verdadeira identidade de sua musa e, também, sem saber de onde surgiu o seu poder e riqueza. Essa dúvida que não é dissipada pelo personagem do doutor até o final da trama é que determina a história de A rainha do Ignoto como fantástica, pois, não se tem, ao final, explicações suficientes para desvendar todo o mistério.

## Referências Bibliográficas

---

FREITAS, Emília. A rainha do Ignoto. Romance Psicológico. 3 ed. Atualização do texto, introdução e notas Constância Lima Duarte. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003..

LOVECRAFT, Howard Phillips. O horror sobrenatural na literatura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

RODRIGUES, Selma Calasans. O fantástico. São Paulo: Ática, 1988.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura Fantástica. São Paulo: Perspectiva, 1992. Disponível em: Acesso em: 14 jun. 2011.

VASCONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.